26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

2177-3688

GT 5 – POLÍTICA E ECONOMIA DA INFORMAÇÃO

AGNOTOLOGIA E NEGACIONISMO CLIMATICO: CONTRIBUICOES DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

AGNOTOLOGY AND CLIMATE DENIAL: *CONTRIBUTIONS FROM INFORMATION SCIENCE*

Mayara Helena Fonseca – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)
Liz-Rejane Issberner – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)
Taís Elaine da Silva – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A crise socioambiental tem sido acompanhada pela expansão da desinformação e do negacionismo científico, especialmente em temas relacionados às mudanças climáticas. A agnotologia, campo dedicado ao estudo da produção social da ignorância, contribui para compreender processos que ultrapassam a circulação de conteúdos falsos. O objetivo deste trabalho é discutir as contribuições da agnotologia para a compreensão da desinformação no contexto do Antropoceno, e suas implicações para a Ciência da Informação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, desenvolvida por meio de revisão narrativa da literatura e análise teórico-conceitual. Os resultados indicam que a ignorância pode ser produzida por diferentes mecanismos, sociais e informacionais, incluindo a fabricação de dúvidas, a invisibilização de conhecimentos e a contestação da autoridade científica. Conclui-se que a agnotologia amplia as possibilidades analíticas da área, ao evidenciar as relações entre informação, poder e produção da ignorância.

Palavras-chave: Agnotologia; desinformação; antropoceno; regimes de informação; ciência da informação.

Abstract: The socio-environmental crisis has been accompanied by the spread of disinformation and scientific denialism, particularly on issues relating to climate change. Agnotology, a field dedicated to the study of the social production of ignorance, helps us to understand processes that go beyond the circulation of false content. The aim of this study is to discuss the contributions of agnotology to understanding disinformation in the context of the Anthropocene, and its implications for Information Science. This is a qualitative study, of an exploratory and descriptive nature, conducted through a narrative review of the literature and theoretical-conceptual analysis. The results indicate that ignorance can be produced by various social and informational mechanisms, including the fabrication of doubts, the invisibilisation of knowledge and the challenging of scientific authority. It is concluded that

agnotology broadens the analytical possibilities of the field by highlighting the relationships between information, power and the production of ignorance.

Keywords: Agnotology; disinformation; anthropocene; information regimes; information science.

1 INTRODUÇÃO

O Antropoceno é mobilizado neste trabalho como um conceito síntese, que abarca as múltiplas crises ambientais, sociais, econômicas e políticas, permitindo compreender a escala e a profundidade das transformações socioambientais associadas à ação humana. Embora não tenha sido formalmente reconhecido como uma nova época geológica, o conceito consolidou-se nas ciências sociais e humanas, para interpretar a desestabilização dos sistemas terrestres e suas implicações políticas e informacionais (Léna; Issberner, 2018). Essa leitura dialoga com a noção de policrise, formulada por Morin (2013), na medida em que o Antropoceno evidencia a interdependência entre crises ecológicas, econômicas e institucionais, que se entrelaçam e não podem ser tratadas isoladamente. Também se aproxima das reflexões de Latour (2017), sobre a redefinição das fronteiras entre natureza e sociedade, pois indica que os coletivos humanos e não humanos estão envolvidos em redes de ação que produzem efeitos planetários, exigindo novas formas de análise dos vínculos entre ciência, política e modos de habitar a Terra. O conceito de Antropoceno possui uma vantagem epistemológica decisiva: ele permite reunir as ciências naturais e sociais num mesmo enquadramento analítico. A própria separação disciplinar entre sociedade e natureza, herança do cartesianismo e da modernidade ocidental, contribuiu para que a crise ecológica não fosse percebida em sua totalidade, retardando diagnósticos e respostas. O Antropoceno rompe com essa separação, ao evidenciar que processos geológicos, bioquímicos, econômicos e políticos são inseparáveis.

Essa leitura ampliada permite compreender a crise socioambiental como terreno de disputas em torno da produção, circulação e controle da informação. No capitalismo contemporâneo, a degradação ambiental e a manipulação informacional são processos interdependentes (Maruyama, 2022), pois ambos operam por meio de assimetrias de poder, opacidades estruturais e mecanismos de captura.

O controle da informação pode ser compreendido como um fenômeno complexo, que envolve a produção deliberada de ignorância, a manipulação midiática e o domínio algorítmico para a manutenção de hegemonias políticas e econômicas (Schneider, 2022). Esse

poder informacional está imbricado no conceito de regimes de informação, ou seja, nas redes de atores, práticas, dispositivos e instituições que organizam a produção, a circulação e a legitimação do conhecimento (González de Gómez, 2012).

As disputas no campo da informação, fazem com que governos alinhados a determinados interesses econômicos mantenham e ampliem suas esferas de influência, recorrendo, em muitos casos, à desinformação para assegurar a continuidade dos processos de acumulação de capital. Tal dinâmica é evidente em setores dependentes da exploração intensiva de recursos naturais, como a indústria petrolífera e o agronegócio. Em setores caracterizados por um elevado impacto socioambiental, frequentemente são empregadas estratégias de produção deliberada de ignorância, com o objetivo de minimizar críticas da sociedade civil, produzir dúvidas sobre seus efeitos socioambientais e dificultar a implementação de regulações públicas.

Paralelamente, a indústria cultural e os meios de comunicação, intensificados pela mediação algorítmica das plataformas digitais, contribuem para a legitimação desses modelos de desenvolvimento ao apresentá-los como indispensáveis ao progresso econômico, mesmo diante de seus impactos socioambientais (Silva, 2021). Dessa forma, o desequilíbrio ambiental contemporâneo é acompanhado por disputas em torno da produção de conhecimento e de circulação da informação, influenciando percepções, discursos e decisões coletivas.

O conceito de agnotologia oferece um referencial teórico consistente para a análise da ignorância como um fenômeno socialmente construído e mobilizado em contextos de disputa de poder, não se tratando meramente de uma ausência de conhecimento.

A aproximação entre agnotologia e desinformação é central para este trabalho, pois entender a desinformação apenas como circulação de conteúdos falsos, impede a análise dos processos sociais e políticos que produzem a ignorância. A agnotologia desloca o foco para a fabricação de dúvidas, a invisibilização de saberes e a contestação da autoridade científica, dinâmicas que se intensificam justamente no contexto do Antropoceno, quando as evidências sobre a desestabilização planetária passam a disputar espaço com interesses econômicos. Para a Ciência da Informação, essa aproximação amplia o repertório analítico da área, ao incorporar a produção da ignorância como categoria de investigação.

A partir dessa perspectiva, este trabalho busca responder à seguinte questão: de que forma o conceito de agnotologia contribui para ampliar a compreensão da desinformação contemporânea no contexto do Antropoceno? Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é

discutir o conceito de agnotologia e sua contribuição para a compreensão das dinâmicas de produção social da ignorância, no contexto do Antropoceno. Para a Ciência da Informação, essa aproximação permite examinar a desinformação em articulação com processos mais amplos de seleção, ocultação, contestação e legitimação do conhecimento, situando a produção da ignorância no interior das disputas informacionais contemporâneas. Além desta introdução, o trabalho está estruturado em cinco seções. A seção 2 apresenta os procedimentos metodológicos. A seção 3 articula o Antropoceno, a crise socioambiental e o negacionismo científico, situando a agnotologia como referencial central para a compreensão da produção da ignorância. A seção 4 traz os resultados e a discussão, demonstrando como os mecanismos agnotológicos operam na produção da desinformação e explicitando as contribuições do conceito para a Ciência da Informação. A seção 5 apresenta as considerações finais, retomando o problema e o objetivo da pesquisa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, desenvolvida por meio de revisão narrativa e análise teórico-conceitual. A abordagem foi escolhida por possibilitar o diálogo entre a Ciência da Informação, os estudos do Antropoceno e a agnotologia, campos mobilizados para interpretar criticamente fenômenos como produção da ignorância e a desestabilização planetária.

Segundo Ogassavara *et al.* (2025), a revisão narrativa permite a articulação de diferentes referenciais teóricos em torno de um problema de pesquisa, favorecendo análises interpretativas de fenômenos complexos. Com base nessa perspectiva, a revisão foi orientada pela questão norteadora do estudo, e estruturada a partir de quatro eixos teóricos: o Antropoceno; a desinformação e o negacionismo científico; a agnotologia; e as contribuições para a Ciência da Informação. O *corpus* bibliográfico reuniu periódicos, livros, capítulos de anais de eventos nacionais e internacionais, da área e de campos correlatos, com prioridade para a literatura publicada entre 2018 e 2025, embora tenham sido incorporadas contribuições fundacionais anteriores. Os critérios de seleção consideraram a aderência temática das obras aos quatro eixos, sua relevância teórica ou empírica, e a diversidade de perspectivas disciplinares mobilizadas. Por se tratar de revisão narrativa, e não sistemática, a composição do *corpus* não seguiu protocolo de busca com descritores fixos e quantificação de resultados por base, priorizando-se uma seleção intencional e interpretativa dos referenciais.

Os materiais selecionados foram submetidos à leitura analítica e interpretativa da qual resultaram categorias que orientaram a discussão sobre os processos de produção da ignorância e suas relações com a desinformação no contexto do Antropoceno. O percurso metodológico foi organizado em três etapas — planejamento e estruturação, leitura e análise e relato e síntese —, sistematizadas no Quadro 1.

Quadro 1 - Síntese dos Procedimentos Metodológicos da Pesquisa

Dimensão Metodológica	Descrição dos Procedimentos	Referencial Teórico
Natureza e Caracterização	Pesquisa **qualitativa**, de natureza **exploratória e descritiva**, baseada em revisão narrativa e análise teórico-conceitual.	Ogassavara *et al.* (2025)
Abordagem	Articulação holística dos campos teóricos: Ciência da Informação, Agnotologia e Estudos do Antropoceno, para análise crítica.	Ogassavara *et al.* (2025)
Etapa 1: Planejamento e Estruturação	Definição da questão norteadora e dos eixos: 1. Antropoceno; 2. Desinformação e Negacionismo; 3. Agnotologia; 4. Contribuições para a Ciência da Informação.	Léna e Issberner (2018); Moore (2016); Proctor (2008); Burke (2023); González de Gómez (2012)
Etapa 2: Leitura e Análise	Leitura interpretativa dos referenciais, diferenciando desinformação, fabricação de dúvidas, invisibilização e negacionismo como expressões da **produção social da ignorância**.	Ogassavara *et al.* (2025); Proctor (2020); Wardle (2020); Cook (2020)
Etapa 3: Relato e Síntese	Organização das inferências, para evidenciar os vínculos entre desequilíbrio global e disputas informacionais, resultando no **quadro teórico dos processos agnotológicos**.	

Fonte: elaboração própria com auxílio da ferramenta NotebookLM (2026)

3 ANTROPOCENO E NEGACIONISMO

Essa seção articula três dimensões interdependentes da crise contemporânea: o Antropoceno, como categoria que situa a escala e a profundidade das transformações socioambientais em curso; o negacionismo científico, como resposta informacional que contesta o reconhecimento público dessa crise; e a agnotologia, como referencial teórico que

permite compreender os mecanismos de produção da ignorância subjacentes a essa disputa. A discussão está organizada em três subseções: a primeira situa o Antropoceno como chave de leitura da crise socioambiental; a segunda examina o negacionismo científico como expressão de disputas de poder em torno da informação; e a terceira aprofunda o conceito de agnotologia como campo teórico central para a análise proposta.

3.1 O ANTROPOCENO E A CRISE QUE PRETENDE NEGAR

Embora o Antropoceno não tenha sido oficialmente reconhecido pelos estratigrafistas como uma nova época geológica, o termo foi amplamente incorporado nas ciências sociais devido à sua força explicativa para compreender a escala e a profundidade das transformações ambientais atuais. Nas ciências sociais, o conceito é utilizado para designar o período em que as ações humanas sobre os sistemas naturais se intensificam, especialmente a partir da chamada "Grande Aceleração", iniciada na década de 1950. Esse período é marcado pela ampliação do consumo de recursos naturais, pela aceleração das emissões de gases de efeito estufa, pela acidificação dos oceanos, pela perda de biodiversidade e pela alteração dos ciclos biogeoquímicos, produzindo impactos sem precedentes sobre os processos que sustentam a vida no planeta (Leite, 2015; Léna; Issberner, 2018; Steffen *et al*., 2015).

Como ressaltam Svampa (2019) e Issberner e Léna (2018), pensar o Antropoceno não implica aceitar uma noção abstrata e universal de humanidade. Ao contrário, o conceito pode incorporar plenamente a crítica das mudanças planetárias, que não são produzidas por todos, de maneira igual, e sim por formas historicamente situadas de organização econômica, regimes de poder e padrões de consumo (Moore, 2016). A desigual distribuição das responsabilidades e dos efeitos da crise também atravessa a disputa sobre sua interpretação pública. Nesse contexto, o negacionismo climático atua sobre as condições informacionais, pelas quais causas, evidências, responsabilidades e possibilidades de resposta são reconhecidas ou contestadas socialmente.

Antropoceno, crise socioambiental e negacionismo formam, assim, uma cadeia articulada: a crise materializa as transformações que o Antropoceno nomeia, e o negacionismo é a resposta informacional que contesta seu reconhecimento público, disputando o próprio regime de informação que define o que pode ser conhecido, comunicado e legitimado como verdade. É nessa disputa que se situa o negacionismo científico, discutido a seguir.

3.2 O NEGACIONISMO COMO DISPUTA DE PODER

Paralelamente ao agravamento da crise socioambiental, observa-se a expansão de fenômenos informacionais, que dificultam a compreensão pública desses processos. Entre eles, destaca-se o negacionismo científico, entendido como o emprego deliberado de estratégias discursivas destinadas a questionar consensos científicos consolidados. Segundo Oreskes e Conway (2010), tais estratégias incluem a promoção de falsas controvérsias, o uso de especialistas sem reconhecimento na área em debate e a exploração de falácias argumentativas, com o objetivo de produzir dúvidas artificiais. Cook (2020) observa que essas estratégias reproduzem mecanismos, historicamente utilizados por setores econômicos interessados em retardar regulações públicas e contestar evidências científicas consolidadas.

Cook (2020) sistematiza essas estratégias por meio do modelo FLICC, acrônimo para *Fake Experts* (especialistas falsos), *Logical Fallacies* (falácias lógicas), *Impossible Expectations* (expectativas impossíveis), Cherry Picking (seleção parcial de evidências), e *Conspiracy Theories* (teorias da conspiração). Trata-se de um modelo construído a partir da análise sistemática de discursos negacionistas, amplamente utilizado na literatura sobre comunicação científica, o que lhe confere validade heurística. No argumento deste trabalho, essas estratégias interessam como uma tipologia do negacionismo, bem como mecanismos de fabricação da dúvida: ao simular controvérsias, selecionar evidências ou impor expectativas incompatíveis com o funcionamento da ciência, contribuem para produzir incerteza social, mesmo diante de consensos científicos consolidados.

No contexto brasileiro, Dias e Issberner (2024) destacam a atuação coordenada de grupos ligados a interesses econômicos específicos, especialmente setores vinculados ao agronegócio, na contestação de dados científicos relacionados ao desmatamento, às mudanças climáticas e à degradação ambiental.

De acordo com Schneider (2022), o negacionismo científico assume novas configurações no ambiente digital, sendo potencializado pelas redes sociotécnicas. A circulação de conteúdos enganosos e o enfraquecimento da credibilidade científica precisam ser compreendidos no interior de dinâmicas econômicas, políticas e tecnológicas mais amplas. Esse cenário relaciona-se ao fenômeno da pós-verdade, termo popularizado pelo Oxford Dictionaries em 2016, para designar situações em que fatos objetivos exercem menor influência sobre a opinião pública do que crenças pessoais e apelos emocionais. Para Araújo

(2021), a pós-verdade representa um importante regime discursivo, que tensiona critérios de credibilidade e autoridade cognitiva, exigindo da Ciência da Informação a incorporação da integridade e da veracidade informacional como categorias analíticas fundamentais.

Schneider (2022) associa esse fenômeno à crise contemporânea das instituições produtoras de conhecimento, como a ciência, a imprensa e o Estado, favorecendo a circulação de narrativas que prescindem de evidências empíricas. Wardle (2020), tipifica esse fenômeno em três eixos: a misinformação (misinformation), compartilhada sem intenção de causar dano; a desinformação propriamente dita, conteúdo fabricado deliberadamente para prejudicar; e a malinformação, uso estratégico de informações verdadeiras, retiradas de contexto. Essa tipologia situa, no espectro mais amplo da desordem informacional, os diferentes graus de intencionalidade e veracidade dos conteúdos analisados neste trabalho. O relatório do NetLab (2024) identifica a uma infodemia socioambiental, caracterizada pela disseminação coordenada de conteúdos que minimizam impactos ambientais, questionam evidências científicas e atacam atores envolvidos na defesa do meio ambiente. Tais práticas evidenciam que as disputas em torno da informação constituem uma dimensão central da desestabilização planetária contemporânea.

3.3 AGNOTOLOGIA E PRODUÇÃO SOCIAL DA IGNORÂNCIA

Já em 1995, Stehr e Von Storch examinaram a construção social do clima e das mudanças climáticas, destacando que a percepção pública do conhecimento científico e as respostas políticas dependem também das formas pelas quais as informações climáticas são socialmente representadas e comunicadas. Os autores argumentam que o debate público acerca do clima se estrutura, tanto, em evidências físicas, quanto em processos sociais de percepção e interpretação, nos quais diferentes problemas competem pela atenção social e política (Stehr; Von Storch, 1995). Esse diagnóstico, formulado há três décadas, antecipava o que hoje é reconhecido como estratégias deliberadas de desinformação e negação climática, promovidas por atores econômicos e políticos com capacidade de influenciar as agendas públicas. O poder desses grupos, notadamente vinculados aos combustíveis fósseis, obstruiu a implementação de medidas estruturais no momento em que a ciência já sinalizava a gravidade da crise climática. Em outras palavras, a ignorância não foi um acidente, mas sim um produto político, cuidadosamente cultivado para preservar os interesses estabelecidos.

Nesse contexto, a produção da ignorância assume um papel decisivo. Conforme destaca Leite (2015), a negação sistemática das evidências científicas relacionadas às mudanças climáticas constitui um dos exemplos mais expressivos dos fenômenos estudados pela agnotologia. Mais do que a simples ausência de conhecimento, trata-se da construção ativa de dúvidas e incertezas, capazes de dificultar a formação de consensos sociais e a implementação de medidas de enfrentamento da crise ambiental.

A agnotologia constitui um campo de estudos dedicado à compreensão dos processos de produção social da ignorância. O termo foi cunhado pelo historiador da ciência Robert Proctor, para investigar como determinadas formas de conhecimento deixam de emergir, são retardadas, negligenciadas ou deliberadamente suprimidas ao longo da história (Proctor, 2020). Nessa perspectiva, a ignorância não é compreendida apenas como ausência de conhecimento, mas como um fenômeno social e político, que pode ser produzido, mantido e mobilizado em benefício de interesses específicos.

Embora a formulação de Proctor enfatize os processos sociais de fabricação da ignorância, Burke (2023) amplia essa discussão, ao propor uma história social da ignorância. Para o autor, a ignorância pode assumir diferentes formas, incluindo: a ignorância ativa, caracterizada pela resistência deliberada a conhecimentos considerados perturbadores; a ignorância seletiva, decorrente da atenção direcionada a determinados aspectos da realidade em detrimento de outros; e a ignorância organizacional, produzida por falhas estruturais na circulação de informações dentro de instituições complexas. Essas contribuições reforçam a compreensão da ignorância como fenômeno historicamente situado e socialmente produzido.

Nesse sentido, a agnotologia pode ser compreendida como uma abordagem voltada para a análise dos mecanismos pelos quais a ignorância é fabricada e utilizada em contextos marcados por disputas de poder. Como observa Grutzmann (2022), a produção da ignorância está frequentemente associada à manutenção de interesses econômicos, políticos e organizacionais, constituindo uma importante ferramenta para a preservação de relações de dominação e para a contestação de consensos científicos.

Proctor (2020) identifica três dimensões da ignorância como objeto de investigação agnotológica: como estado nativo ou recurso (lacuna natural do que ainda não foi investigado); como reino perdido ou constructo passivo (resultante dos processos de seleção e priorização do conhecimento por comunidades científicas, instituições ou agentes

econômicos); e como tática deliberada ou constructo ativo, produção intencional de dúvidas, para ocultar informações e desacreditar evidências científicas (Grutzmann, 2022).

No contexto da crise socioambiental contemporânea, tais processos articulam-se a mecanismos de obstrução, que dificultam a implementação de políticas ambientais e climáticas. Segundo Issberner (2025) e Ekberg *et al*. (2023), a obstrução compreende práticas organizadas, destinadas a atrasar, enfraquecer ou inviabilizar iniciativas de conservação ambiental, quando estas entram em conflito com interesses econômicos dominantes. A obstrução se distingue em formas primárias, secundárias e terciárias de obstrução, que abrangem, desde a disseminação ativa de desinformação, até barreiras institucionais e práticas sociais que perpetuam modelos ambientalmente insustentáveis. Sob essa perspectiva, a produção da ignorância constitui um elemento central das disputas informacionais que marcam o Antropoceno.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sob a perspectiva da agnotologia, a desinformação constitui uma das formas de produção social da ignorância, podendo resultar de processos de ocultação, seleção, negligência ou manipulação deliberada da informação (Proctor, 2020). Essa abordagem situa a desinformação no interior de processos mais amplos: fabricação de dúvidas, invisibilização de conhecimentos, contestação da autoridade científica e mecanismos de obstrução. Essa formulação responde diretamente ao problema desta pesquisa. As formas distintas de ignorância sistematizadas por Burke (2023), como a ativa, a seletiva e a organizacional, ajudam a compreender a desinformação, como parte de processos históricos de produção da ignorância, e não apenas como resultado da circulação de conteúdos falsos.

Essa afirmação, central para o problema e o objetivo desta pesquisa, pode ser demonstrada com exemplos da literatura analisada. A fabricação de dúvidas manifesta-se no financiamento de "especialistas" sem credenciais climáticas por setores ligados a combustíveis fósseis, os "mercadores da dúvida" de Oreskes e Conway (2010), que simularam controvérsia onde já havia consenso. A invisibilização aparece na desconsideração de saberes tradicionais sobre biodiversidade (Burke, 2023), e na priorização de estudos sobre eficácia de agrotóxicos, em detrimento de seus impactos na saúde (Pérez, 2022), ignorância derivada da própria orientação do que é investigado. Já a contestação da autoridade científica materializa-se nas táticas do modelo FLICC (Cook, 2020), quando negacionistas atribuem a instituições

como o IPCC ou o INPE rótulos de fraude, enfraquecendo sua credibilidade (Araújo, 2021; Schneider, 2022). Em conjunto, esses mecanismos demonstram que a agnotologia amplia a compreensão da desinformação para além da circulação de conteúdos falsos: o desconhecimento pode ser produzido mesmo sem nenhuma informação isolada ser falsa.

4.1 PROCESSOS AGNOTOLÓGICOS E DESESTABILIZAÇÃO PLANETÁRIA

A produção social da ignorância constitui uma dimensão relevante da crise socioambiental contemporânea. As estratégias descritas por Cook (2020), no modelo FLICC, demonstram como o negacionismo científico produz incertezas e questiona consensos científicos consolidados. Esses mecanismos atuam sobre diferentes condições sociais do conhecimento. A fabricação da dúvida enfraquece a percepção de consenso; a seleção parcial de evidências desloca a atenção pública; a invisibilização reduz a disponibilidade social de determinados conhecimentos; e a contestação sistemática de instituições científicas compromete sua autoridade cognitiva. Determinadas agendas de pesquisa podem, ainda, ser negligenciadas por interesses econômicos ou políticos, produzindo zonas de desconhecimento (Proctor, 2020; Pérez, 2022), que reforçam esses processos e ampliam seus efeitos sociais. Assim, o efeito agnotológico não depende necessariamente da produção de uma falsidade isolada, podendo resultar da organização estratégica do que ganha visibilidade, credibilidade, ou permanece desconhecido.

Outro aspecto identificado refere-se aos processos de obstrução discutidos por Issberner (2025) e sistematizados por Ekberg *et al.* (2023). A obstrução manifesta-se por meio de estratégias destinadas a retardar, enfraquecer ou inviabilizar políticas de proteção ambiental. Essas práticas podem assumir formas primárias, relacionadas à disseminação de desinformação e à negação de evidências científicas; formas secundárias, associadas a barreiras institucionais e políticas; e formas terciárias, vinculadas à manutenção de práticas econômicas e culturais, que perpetuam modelos insustentáveis de desenvolvimento.

Os ambientes digitais potencializam essas dinâmicas. Wardle (2020) e Schneider (2022) demonstram que a circulação de conteúdos enganosos ocorre em ecossistemas informacionais marcados pela segmentação algorítmica, pela personalização de conteúdos e pela formação de câmaras de eco. Nesses contextos, diferentes modalidades de desordem informacional, tais como a desinformação, a misinformação e a malinformação, contribuem para a fragmentação dos espaços públicos de debate e para o fortalecimento de processos de

ignorância culturalmente induzida. A tipologia da desordem informacional e a agnotologia operam, portanto, em planos analíticos relacionados, mas não equivalentes. As categorias de misinformação, desinformação e malinformação ajudam a caracterizar conteúdos, usos e intencionalidades, enquanto a perspectiva agnotológica permite perguntar sobre as condições sociais, políticas e econômicas que produzem e sustentam o desconhecimento, inclusive quando ele não decorre diretamente de conteúdo falso.

4.2 CONTRIBUIÇÕES DA AGNOTOLOGIA PARA A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A contribuição da agnotologia para a Ciência da Informação pode ser sintetizada em três pontos. Primeiro, consiste em um referencial que desloca o foco da informação disponível para as condições que produzem sua ausência ou descredibilização. Segundo, é relevante, porque os estudos de desinformação, centrados em conteúdos falsos, não explicam fenômenos como a fabricação de dúvidas. Terceiro, amplia a área, ao articular-se aos regimes de informação (González de Gómez, 2012) e ao propor categorias como ignorância ativa, seletiva e organizacional (Burke, 2023).

A incorporação da agnotologia amplia as possibilidades de investigação da Ciência da Informação, ao direcionar a atenção para os processos de produção da ignorância. Ao deslocar o foco da simples circulação de informações falsas para os processos mais amplos de produção social da ignorância, o conceito permite compreender a desinformação como parte de dinâmicas estruturais, relacionadas ao poder, aos regimes de informação e às disputas pela legitimidade do conhecimento. Essa contribuição não pressupõe substituir os estudos já consolidados sobre desinformação, na Ciência da Informação. A agnotologia oferece uma lente complementar, voltada à investigação das condições pelas quais determinados conhecimentos circulam e são legitimados, enquanto outros são ocultados, negligenciados, descredibilizados ou deixam de ser produzidos. O foco analítico alcança, assim, os atores, interesses, instituições e dispositivos envolvidos na configuração do que pode ser conhecido, em determinado regime de informação.

Essa perspectiva dialoga diretamente com as reflexões de Araújo (2021), acerca da necessidade de incorporar a veracidade e a integridade da informação como categorias centrais da área. Em um contexto marcado pela pós-verdade, pela fragmentação dos ecossistemas informacionais, e pela crise de confiança nas instituições produtoras de

conhecimento, torna-se insuficiente analisar apenas os processos de acesso, organização e recuperação da informação.

A abordagem agnotológica também fortalece a capacidade da Ciência da Informação de investigar as relações entre informação e poder, permitindo identificar como determinados atores, instituições e dispositivos sociotécnicos participam da produção, circulação e legitimação da ignorância. Dessa forma, contribui para a compreensão crítica dos desafios informacionais associados à desestabilização planetária e às disputas contemporâneas em torno da ciência, da verdade e da sustentabilidade. Nesse sentido, sua aproximação com a Ciência da Informação pode contribuir, especialmente, para investigações sobre regimes de informação, autoridade e legitimidade do conhecimento, mediações sociotécnicas, políticas de informação e processos de visibilidade e invisibilidade informacional. A contribuição proposta neste trabalho está nessa ampliação do problema analítico: considerar, ao lado da informação produzida e circulada, as condições sociais de produção do desconhecimento.

A articulação dos referenciais analisados permitiu sistematizar um conjunto de processos associados à produção social da ignorância, no contexto do Antropoceno. O quadro 2, a seguir, não pretende esgotar as manifestações do fenômeno, mas apresentar uma síntese analítica das principais categorias identificadas na literatura, evidenciando suas relações com as disputas informacionais e socioambientais contemporâneas.

Quadro 2 - Os Processos Agnotológicos do Antropoceno

Processo Agnotológico	**Descrição**	**Exemplo Socioambiental**	**Autores e Anos (Base Teórica)**
Ignorância como Estado Nativo (Recurso)	Vácuo de conhecimento que existe antes de a ciência investigar um fenômeno; a ignorância como ponto de partida.	Incertezas sobre os efeitos sinérgicos de novas moléculas químicas ou entidades biológicas no Sistema Terra.	Proctor (2008, 2020); Burke (2023).
Reino Perdido / Construção Passiva	"Ciência não feita" (*undone science*); ocorre quando o foco em certas pesquisas negligencia outras possibilidades por interesses econômicos ou políticos.	Foco na eficácia produtiva de agrotóxicos em detrimento de estudos sobre impactos na saúde de comunidades tradicionais.	**Proctor (2008, 2020)**; **Pérez (2022)**.

Construção Ativa (Artifício Estratégico)	Fabricação da dúvida para proteger interesses corporativos; uso da "estratégia do tabaco".	Indústria fóssil financiando "mercadores da dúvida" para questionar o consenso sobre o aquecimento global.	**Proctor (2008, 2020)**; **Oreskes; Conway (2010)**; **Leite (2014)**.
Obstrução Climática (Primária a Terciária)	Práticas para atrasar ou obstruir leis ambientais; negação direta e barreiras burocráticas.	Desmonte de órgãos de fiscalização (IBAMA/ICMBIO) e anistia a grileiros na Amazônia.	Ekberg *et al*. (2023); Issberner (2025).
Negação da Ciência (Modelo FLICC)	Táticas retóricas como especialistas falsos, falácias lógicas e expectativas impossíveis para semear confusão.	Uso de geógrafos sem experiência em climatologia para atacar o IPCC e chamar o aquecimento global de "fraude".	**Cook (2020)**;
Desordem Informacional (Tipologia Wardle)	Da sátira enganosa ao conteúdo 100% fabricado e manipulado para causar dano.	Campanhas orquestradas de *fake news* sobre o "Marco Temporal" ou para deslegitimar ONGs ambientais.	**Wardle (2020)**; **NetLab (2024)**.
Disputa Terminológica / Semântica	Escolha estratégica de termos para suavizar a percepção de risco e moldar a subjetividade.	Uso do termo **"defensivo fitossanitário"** em vez de **"agrotóxico"** para normalizar o uso de venenos.	**Silva (2021)**.
Corrupção Informacional e Ruptura de Protocolos	Falha deliberada, ou omissão do Estado em cumprir normas de integridade da informação pública.	Omissão de alertas de desastres climáticos e sigilo imposto sobre dados de desmatamento.	**Lopes, Quintslr; Schneider (2024)**; **González de Gómez (2022)**.
Ignorância Organizacional e Imperial	Falha no compartilhamento de saberes ou desprezo de conhecimentos de grupos minoritários.	Desprezo de saberes ancestrais de povos tradicionais, sobre manejo da biodiversidade por gestores técnicos.	Burke (2023); .
Regime de Pós-Verdade e Desinformação Digital em Rede (DDR)	Fatos perdem peso para opiniões e emoções, potencializadas pela DDR.	Descrédito institucional de órgãos científicos como INPE e IBGE, por autoridades políticas.	Araújo (2021); Schneider (2022).

Alienação por Indústria Cultural	Entretenimento, usado para criar um imaginário idílico do campo e ocultar crimes ambientais.	Novelas rurais retratando o agronegócio como motor do progresso, silenciando conflitos de terra e impactos químicos.	**Silva (2021)**; **Chã (2018)**.

Fonte: elaboração própria, com auxílio da ferramenta NotebookLM (2026)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho discute as contribuições da agnotologia para a compreensão da desinformação no contexto do antropoceno. A aproximação entre esses debates permitiu observar que a crise socioambiental contemporânea não pode ser analisada apenas a partir de seus efeitos materiais, ou dos impactos decorrentes da exploração dos recursos naturais. As disputas em torno da produção, circulação e legitimação do conhecimento também desempenham um papel relevante na forma como os problemas ambientais são percebidos, interpretados e enfrentados socialmente.

Em síntese, o Antropoceno, situa a crise socioambiental no cruzamento entre transformações materiais e disputas pela produção do conhecimento sobre elas. Nesse cruzamento, a produção da ignorância assume centralidade: o negacionismo e a desinformação são suas expressões mais visíveis, mas não se esgotam nelas, envolvendo também a fabricação de dúvidas, a invisibilização de saberes, e a contestação da autoridade científica. Todos esses processos são, em última instância, expressões de poder, sobre o que pode ser conhecido, comunicado e legitimado, dentro de determinado regime de informação. Assim, o trabalho respondeu ao problema e cumpriu o seu objetivo, demonstrando, com exemplos concretos, que a agnotologia amplia o repertório teórico-conceitual da Ciência da Informação.

A revisão da literatura evidenciou que a ignorância não corresponde, necessariamente, à ausência de conhecimento, podendo resultar de processos de seleção, invisibilização, omissão ou produção deliberada de dúvidas. Parte das dificuldades do enfrentamento ao Antropoceno, está associada à atuação de mecanismos que enfraquecem consensos científicos e deslocam o foco do debate público, processos que a agnotologia permite examinar, além da simples identificação de conteúdo falso.

Por se tratar de uma revisão narrativa, este estudo apresenta limitações, próprias da abordagem. Pesquisas futuras poderão investigar empiricamente a atuação de atores e instituições envolvidos na produção da ignorância em questões ambientais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Á. A pós-verdade como desafio central para a ciência da informação contemporânea. **Em Questão**, Rio Grande do Sul, v. 27, n. 1, p. 13-29, 2021. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/101666 Acesso em: 8 set. 2026.

BURKE, Peter. **Ignorância:** uma história global. São Paulo: Vestígio, 2023.

CHÃ, Ana Manuela. **Agronegócio e indústria cultural:** estratégias das empresas para a construção da hegemonia. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

COOK, John. **A history of FLICC: the 5 techniques of science denial**. Skeptical Science, 31 mar. 2020. Disponível em: https://skepticalscience.com/history-FLICC-5-techniques-science-denial.html Acesso em: 30 abr. 2026.

DIAS, Julia S. Rodrigues; ISSBERNER, Liz-Rejane. Desinformação climática no Brasil: principais atores e táticas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: ANCIB, 2024. Disponível em: https://www.enancib.ancib.org/enancib/pt_BR/article/view/987 Acesso em: 8 maio 2026.

EKBERG, Kristoffer; FORCHTNER, Bernhard; HULTMAN, Martin; JYLHÄ, Kristi M. **Climate obstruction:** how denial, delay and inaction are heating the planet. Abingdon; New York: Routledge, 2023.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Regime de informação: construção de um conceito. **Informação & Sociedade:** Estudos, Paraíba, v. 22, n. 3, p. 43-60, 2012. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/25140 Acesso em: 8 maio 2026.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Orientações contemporâneas da Ciência da Informação: vinculações com a epistemologia social. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 11, n. 22, p. 179-198, 2022.

GRUTZMANN, Lidiane Fatima. Resenha de Agnotología, sociología de la ignorancia, ignorancia de la sociología, de Augustin Galán Machío. **Mediações** - Revista de Ciências Sociais, Paraná, v. 27, n. 1, p. 1-6, 2022. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/44779 Acesso em: 26 maio 2026.

ISSBERNER, Liz-Rejane. **Obstruction**. *In*: ENVIRONMENTAL HUMANITIES GLOSSARY. Copenhagen: University of Copenhagen, [2025]. Disponível em:

https://artsandculturalstudies.ku.dk/research/art-and-earth/environmental-humanities-glossary/obstruction/ Acesso em: 1 jun. 2026.

LATOUR, Bruno. **Facing Gaia:** Eight Lectures on the New Climatic Regime. Cambridge: Polity Press, 2017.

LEITE, José C. Controvérsias científicas ou negação da ciência? A agnotologia e a ciência do clima. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 179-189, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ss/a/Jd3Sn8qkN5y3YWYwymPXq5R/ Acesso em: 7 maio 2026.

LEITE, José Correa. Controvérsias na climatologia: o IPCC e o aquecimento global antropogênico. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 643-677, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ss/a/QFSXpVWpz36btDMzfH9MFZk/ Acesso em: 8 maio 2026.

LÉNA, Philippe; ISSBERNER, Liz-Rejane. Desafios para o Brasil em tempos de Antropoceno. *In*: MAY, Peter H. (org.). **Economia do meio ambiente:** teoria e prática. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018. p. 205-230.

LOPES, Bianca da C. M.; QUINTSLR, Marcia Maria Melo; SCHNEIDER, Marco André Feldman. Ruptura de protocolos da informação pública e negacionismo científico. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: ANCIB, 2024. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/342047 Acesso em: 15 maio 2026.

MARUYAMA, Úrsula. Sustentabilidade ambiental e regime de informação nas instituições de ensino superior: uma experiência na RFEPCT. *In*: ISSBERNER, Liz-Rejane (org.). **Ecologia, Informação e Inovação:** 15 anos de pesquisa. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. p. 15-38. Disponível em: https://omp-editora.prd.ibict.br/index.php/edibict/catalog/book/283 Acesso em: 10 jun. 2026.

MOORE, Jason W. **Anthropocene or Capitalocene? Nature, history, and the crisis of capitalism**. Oakland: PM Press, 2016.

MORIN, Edgar. **A Via**: Para o futuro da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

NETLAB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE INTERNET E REDES SOCIAIS. **Ecossistema de desinformação socioambiental no Brasil**. Rio de Janeiro: NetLab/UFRJ, 2024. Disponível em: https://netlab.eco.ufrj.br/post/ecossistema-de-desinforma%C3%A7%C3%A3o-socioambiental-no-brasil Acesso em: 30 maio 2026.

OGASSAVARA, Dante; FERREIRA, Thais da S.; TERTULIANO, Ivan Wallan; BARTHOLOMEU, Daniel; COSTA, Jeniffer Ferreira; MONTIEL, José Maria. Trilhas metodológicas para a revisão narrativa: orientações pragmáticas para sua elaboração. **Ensino & Pesquisa**, União da Vitória, v. 23, n. 3, p. 308-318, 2025. Disponível em: https://periodicos.unespar.edu.br/ensinoepesquisa/article/view/10317 Acesso em: 16 jun. 2026.

ORESKES, Naomi; CONWAY, Erik M. **Merchants of doubt:** how a handful of scientists obscured the truth on issues from tobacco smoke to global warming. New York: Bloomsbury, 2010.

PÉREZ, Oscar A. Un plaguicida en el franquismo: comunicación de riesgos tóxicos en España, 1945-1975. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 421-440, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/hcsm/a/vvc4XzLBQgCdBPfLGPH8Bwy/ Acesso em: 15 maio 2026.

PROCTOR, Robert N. Agnotología. **Revista de Economía Institucional**, Bogotá (CO), v. 22, n. 42, p. 15-48, 2020. Disponível em: https://revistas.uexternado.edu.co/index.php/ecoins/article/view/6253/8177 Acesso em: 14 jun. 2026.

PROCTOR, Robert N. Agnotology: a missing term to describe the cultural production of ignorance (and its study). *In*: PROCTOR, Robert N.; SCHIEBINGER, Londa (ed.). **Agnotology:** the making and unmaking of ignorance. Stanford: Stanford University Press, 2008. p. 1-33.

SCHNEIDER, Marco André F. **A era da desinformação:** pós-verdade, fake news e outras armadilhas. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

SILVA, Taís Elaine da. **Nas tramas da desinformação:** a indústria cultural a serviço da legitimação do agronegócio brasileiro. 2021. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://ridi.ibict.br/server/api/core/bitstreams/5d2535c6-da95-46df-9c90-63c01ad1acee/content Acesso em: 8 set. 2026.

STEFFEN, Will; BROADGATE, Wendy; DEUTSCH, Lisa; GAFFNEY, Owen; LUDWIG, Cornelia. The trajectory of the Anthropocene: the Great Acceleration. **The Anthropocene Review**, [*s. l.*], v. 2, n. 1, p. 81-98, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1177/2053019614564785 Acesso em: 9 jun. 2026.

STEHR, Nico; VON STORCH, Hans. The social construct of climate and climate change. **Climate Research**, [*s. l.*], v. 5, n. 2, p. 99-105, 1995. Disponível em: https://doi.org/10.3354/cr005099 Acesso em: 6 jun. 2026.

SVAMPA, Maristella. **Antropoceno:** lecturas globales desde el Sur. Córdoba: La Sofía Cartonera, 2019.

WARDLE, Claire. **Entender a desordem informacional**. 2. ed. [*s. l.*]: First Draft, 2020. Disponível em: https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2020/07/Information_Disorder_Digital_AW_PTBR.pdf Acesso em: 30 maio 2026.